

**CORONAVÍRUS**

# A fatura da covid-19 está a pesar mais nos ombros das mulheres

10.05.2020 às 10h43



Aumento de tarefas em casa, menor produtividade laboral ou académica, mais exposição à doença: vários estudos apontam para uma sobrecarga feminina em tempo de pandemia. Para além disso, há a questão da violência doméstica, apesar das participações em Portugal terem baixado nos primeiros 15 dias de abril - o que pode ser resultado do confinamento. O Governo não disponibilizou ao Expresso dados sobre o género dos pais que pediram o apoio excepcional para ficar a cuidar dos filhos em casa, mas acredita-se que sejam maioritariamente mulheres

**FÁBIO MONTEIRO**



VALENTINRUSSANOV

“**A**lém do trabalho, além das crianças, estou a ficar obcecada com limpezas. Limpo, limpo. Faço de comer. Estou sempre a cozinhar. Tiro salmão, tiro atum, uns não gostam de uma coisa, outros de outra. Tenho de estar sempre a pensar na casa. Não estava habituada a nada disto.” Esta confissão, de uma mulher, subdiretora de um instituto público, foi cedida à socióloga Maria José Núncio, no mês passado. As palavras transpiram sobrecarga e exaustão, um estado comum a muitas mulheres (portuguesas e não só.) A culpa é do surto do novo coronavírus.

Com o confinamento, muitas famílias podem estar a retroceder aos velhos estereótipos de género: “o homem provedor, a mulher cuidadora”. O patriarcado, mais ou menos invisível, está aí? “Diria que as desigualdades em matéria de género, tanto em termos de emprego, quer em trabalho familiar e doméstico, poderão ter-se acentuado nesta fase”, aponta Maria José Núncio ao Expresso. Se há cinco anos se anunciava ao mundo que “o futuro é feminino” (“The Future is Female”, um slogan resgatado de movimentos feministas e lésbicos norte-americanos dos anos 70), a fatura – em várias dimensões – a pagar pela pandemia está agora a cair mais nos ombros delas.

Num [texto publicado no site do Fórum Económico Mundial](#), as ministras dos

Negócios Estrangeiros de Espanha (Arancha González Laya) e Suécia (Ann Linde) defendem que a crise vai acentuar as clivagens de género. Apontam três itens essenciais: violência doméstica e sexual amplificada, como se verificou noutras crises, sobre mulheres e crianças que vivem com homens violentos e controladores; o facto de as mulheres representarem 70% das prestadoras de serviços médicos e sociais em todo o mundo, sendo muitas vezes também as principais responsáveis pelas tarefas domésticas; por último, a nível global, as mulheres têm salários inferiores aos dos homens e é mais comum terem os filhos unicamente a seu cargo.

A covid-19 veio tornar “evidente a desigualdade estrutural” entre homens e mulheres, diz também Ana Sofia Fernandes, vice-presidente do Lobby Europeu das Mulheres e secretária-geral da Plataforma Portuguesa para os Direitos das Mulheres. “Neste momento, é o trabalho das mulheres que está a sustentar a sociedade que temos. Temos que repensar o modelo como um todo - que está feito à imagem de um homem, sem responsabilidades. Mais de metade na humanidade não se retrata neste modelo. Os cuidados de limpeza dos hospitais, a confeção de comida para fora, são trabalhos feitos maioritariamente por mulheres. São trabalhos mal pagos e, muitas vezes, precários.”



FG TRADE

Depois, há as questões da dinâmica familiar. Em março, Maria José Núncio lançou um apelo nas redes sociais para recolher testemunhos do lado “privado” da

pandemia, com intuito de acompanhar “em direto” o que se estava a passar com as famílias portuguesas. Se os testemunhos fossem recolhidos mais tarde, iriam surgir vários enviesamentos, distorções da memória, explica. Ao todo, recebeu 110 depoimentos, fragmentos de diários, desabafos e até um poema; o contributo mais jovem veio de uma menina de 11 anos, o mais idoso foi de uma pessoa de 83 anos. Sem querer, quase 50% dos relatos vieram de homens e a outra metade de mulheres.

A socióloga encontrou várias dimensões e queixas nos testemunhos que lhe foram legados, mas na sua análise sobressaiu “a secundarização do papel da mulher”. Ao contrário do que verificou, de forma sistemática, nos relatos das mulheres, nenhum dos homens levantou a questão das tarefas domésticas. “As queixas masculinas estão sempre relacionadas com questões de trabalho e relação com as chefias”, conta.

### **IMPACTOS FINANCEIROS E ACADÉMICOS**

Velhos vícios não moram só em cabeças com cabelos brancos. Quando as escolas encerraram em março, foram muitas as mulheres, mães, que foram para casa, para acompanhar dos filhos. “Continuamos e persistimos numa subvalorização do trabalho feminino. Mulheres tão qualificadas como homens, com crianças em idade escolar em casa, assumiram: ‘então serei eu mulher a tomar conta dos filhos, para que o meu companheiro não seja perturbado’”, aponta Maria José Núncio.

Inquirido pelo Expresso, o Governo disse não ter números discriminados por género dos pais que pediram o apoio excecional para ficar em casa. Não se sabe, entre os mais de 170 mil encarregados de educação que em abril recorreram ao apoio do Estado e os 30 mil de maio, quantos são mulheres. Os especialistas ouvidos pelo Expresso acreditam que a maioria dos pedidos terá vindo das mães.

Há dois meses, pouco antes da declaração do estado de emergência, Ana Sofia Branco, 44 anos, impediu os dois filhos de ir à escola. A assistente social na Santa Casa da Misericórdia de Lisboa conversou com o marido e, tendo em conta que os dois ganham o mesmo, escolheu ser ela a pedir o apoio excecional concedido pelo Governo. Recebeu-o durante 15 dias, “que passaram num ápice, entre acompanhar matérias, limpar e cozinhar”, até entrar em teletrabalho. A dado momento, chegou mesmo a fazer uma escala no frigorífico para quem tinha de fazer o jantar e o almoço, de forma a distribuir tarefas. “No princípio do surto, lavava a casa todos os dias.”

Tentar conjugar todas as exigências profissionais e familiares deixou Ana esgotada e sem grande capacidade de produção académica. “Diminuiu de forma significativa.

Não tinha disponibilidade intelectual”, conta. Por muito pouco, a tese de doutoramento que anda a escrever, sobre o Estado Social e os requerentes de asilo, não foi por água abaixo. “Vai ganhar uma reconfiguração que ainda não tenho capacidade de projetar”, assume.

De acordo com um estudo de três economistas norte-americanas, publicado no final de abril, a produção académica de mulheres – na área financeira – abrandou muito mais significativamente que a dos homens. O alegado motivo: desde o início do surto, as mulheres assumiram – de forma voluntária ou não – a tarefa de ir para casa primeiro e cuidar da família.



JUSTIN PAGET

Maria José Núncio não se espanta com este estudo. Afinal, uma investigadora confessou-lhe: “A quantidade de solicitações que tenho à minha volta impede-me de pensar.” Uma estudante de doutoramento escreveu-lhe: “É como se a pandemia me tivesse esvaziado o cérebro.”

### **OS NÚMEROS DA VIOLÊNCIA DOMÉSTICA**

Durante os primeiros quinze dias de abril, as participações por violência doméstica, em Portugal, caíram 34%, por comparação com o mesmo período do ano passado. A Polícia de Segurança Pública recebeu apenas 466 denúncias. Trata-se de “um

“dado muito importante”, frisa Sónia Soares, coordenadora do Observatório de Mulheres Assassinadas da UMAR, ao Expresso.

Ao contrário do que era esperado e do que aconteceu noutros países, o número de queixas caiu durante a pandemia em Portugal. Esta queda devia deixar as autoridades preocupadas, frisa a responsável. “O confinamento entre vítimas e agressores é uma situação extremamente delicada, promotora de dinâmicas de maior submissão. Deixa as vítimas mais isoladas, mais fragilizadas”, explica Sónia Soares. Mais: o estar “fechado em casa” torna também mais difícil fazer alguém fazer um pedido de ajuda.

De acordo com a coordenadora da UMAR, o “clima de insegurança” que se vive é um fator dissuasor para as vítimas que estivessem a pensar pedir ajuda. Quem estivesse a ponderar sair tem agora, devido à covid-19, de “pensar mais sobre para onde vai”; “se as casas têm condições de segurança higiénica”; “no caso de ter filhos, se terá internet por causa da escola na nova morada”.

Uma vítima que contasse mudar-se para a casa dos pais pode ser, por exemplo, demovida por questões de saúde. “Há uma dificuldade acrescida de perceber como será o futuro”, explica Sónia.

A sociedade portuguesa ainda é “muito patriarcal”, com uma cultura de família enraizada, e, nas circunstâncias que vivemos, as mulheres enfrentam responsabilidades acrescidas. “Assoberbadas de tarefas, têm uma maior dificuldade de ensaiar saídas.” As consequências da pandemia ao nível da violência doméstica, essas, “só as vamos conhecer quantos estivermos numa fase do dito novo normal, talvez daqui a um ano”.

